

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DO CERRADO PATROCÍNIO
UNICERP
Graduação em Psicologia**

NAYARA LÍVIA PEREIRA SOARES

**A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE TRANSFERÊNCIA NA OBRA
FREUDIANA**

**Patrocínio/MG
2018**

NAYARA LÍVIA PEREIRA SOARES

**A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE TRANSFERÊNCIA NA OBRA
FREUDIANA**

Trabalho Monográfico de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial para
obtenção do grau de bacharel em Psicologia,
pelo Centro Universitário do Cerrado
Patrocínio – UNICERP.

Orientador: Prof. Esp. Tacyana Silva Peres

**Patrocínio/MG
2018**

FICHA CATALOGRÁFICA

Soares, Nayara Livia Pereira

O Conceito de Transferência na Obra Freudiana/ Nayara Livia Pereira Soares.

– Patrocínio: Centro Universitário do Cerrado, 2018.

Trabalho de Conclusão de Curso – Centro Universitário do Cerrado

Patrocínio. Curso de Psicologia.

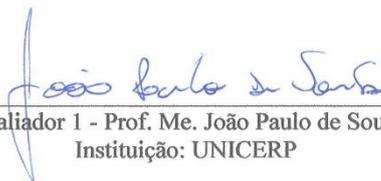
Orientador: Prof. Esp. Tacyana Silva Peres

1. Psicanálise. 2. Transferência. 3. Análise.

Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**O Conceito de Transferência na Obra Freudiana**”, de autoria da graduanda Nayara Livia Pereira Soares, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:



Orientadora Profa. Esp. Tacyana Silva Peres
Instituição: UNICERP



Avaliador 1 - Prof. Me. João Paulo de Sousa
Instituição: UNICERP



Avaliador 2 - Profa. Esp. Tereza Helena Cardoso
Instituição: UNICERP

Data de Aprovação: 11/12/2018.

Patrocínio, 11 de dezembro de 2018.

***DEDICO** este estudo aos meus pais, Flávio e Elenis, que me apoiaram incondicionalmente, dando-me tudo o que era necessário para cumprir essa jornada. E ao meu esposo, Fernando, que esteve ao meu lado nesta caminhada, e tornou-a mais leve.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo da minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.

A esta Universidade, seu corpo docente, direção e administração que abriram a janela de onde hoje vislumbro um horizonte superior, centrada na confiança, no mérito e ética aqui presentes.

Agradeço a todos os professores por me proporcionarem o conhecimento, não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo da minha formação. Pelo tanto que se dedicaram, não somente por terem ensinado, mas por terem mostrado a diferença que o conhecimento faz em nossas vidas.

A minha família, a meu pai Flávio, minha mãe Elenis e meus irmãos Gean e Natan por todo incentivo e carinho, por não medirem esforços para que eu conseguisse chegar até aqui.

Aos meus familiares tios, tias e primos e primas pelo carinho, compreensão e uma contribuição valorosa.

Agradeço também á meu esposo, Fernando, que de forma especial e carinhosa deu-me força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades, tendo paciência e compreensão no dia-a-dia.

*"Freud demonstrou como, por um lado, o eu resiste e, por outro, o desejo insiste."
Baratto (2010)*

RESUMO

Introdução: Transferência é um conceito básico dentro da psicanálise, a compreensão desta é vital para a prática psicanalítica. Sigmund Freud notou a transferência bem cedo em seus estudos, e construiu este conceito durante toda a sua obra. Tal conceito aborda a relação entre paciente e terapeuta que ocorre durante a análise, surgindo logo com o início da relação terapêutica, sendo um dos pontos primordiais da prática psicanalítica, pois de forma simples, é o vínculo que une paciente e terapeuta e possibilita que tenha a cura dos sintomas. **Objetivos:** Analisar a importância do conceito de transferência, partindo de um referencial psicanalítico freudiano, descrever a evolução do conceito freudiano de transferência dentro de sua obra, além de apresentar, os diferentes modos às quais a transferência pode se destacar na relação paciente-terapeuta durante o processo analítico. **Materiais e Métodos:** Utilizou-se de uma revisão sistemática de literatura, que visa responder à pergunta norteadora do trabalho: “Qual a importância da transferência no processo psicoterapêutico de base psicanalítica?”, por meio de uma busca eletrônica de dados em base científica (LILACS) e as obras Freudianas. A busca de dados possibilitou encontrar 105 trabalhos, em seguida foram lidos os resumos de todos e selecionados aqueles que melhor se relacionavam com o tema do estudo. Foram descartadas 91 sendo eles: dissertações, resenhas, artigos em outra língua que não o português, artigos incompletos, língua estrangeira, fora do intervalo de anos requisitados, fugindo a temática, sendo assim totaliza 14 artigos estudados que variavam do ano 2008 a 2018. **Resultados:** Dessa forma, percebeu-se que os artigos mostravam um desenvolvimento e uma divisão no que consiste a temática transferência. Foi verificado que há uma evolução do conceito dentro da obra Freudiana, e autores mais atuais; além disso, constata as diferentes formas as quais a transferência pode se apresentar na clínica, o que implica uma prática que visa sempre o bem-estar do paciente. **Conclusão:** Compreende-se que sem a transferência, não há análise; e que a transferência é fundamental para a psicanálise, e sua prática. Entendeu-se também que para cada analisando, há uma subjetividade, e que a transferência vem de várias formas, não existindo duas transferências iguais, mesmo porque não há dois pacientes iguais.

Palavras-Chave: Psicanálise. Transferência. Análise.

LISTA DE SIGLAS

BVS	Biblioteca Virtual de Saúde
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
MG	Minas Gerais
UNICERP	Centro Universitário do Cerrado Patrocínio

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	11
2.	OBJETIVOS	14
2.1.	Objetivo geral.....	14
2.2.	Objetivos específicos.....	14
3.	DESENVOLVIMENTO.....	15
3.1.	INTRODUÇÃO.....	16
3.2.	MATERIAL E MÉTODOS.....	18
3.2.1.	Tipo de estudo.....	18
3.2.2.	Estratégia de busca de referências.....	19
3.2.3.	Procedimento de seleção e avaliação das referências.....	19
3.2.4.	Referencial teórico e resultados.....	20
3.3.	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	22
3.3.1.	O conceito de transferência e sua evolução.....	22
3.3.2.	A importância da transferência no processo terapêutico.....	26
3.3.3.	As nuances da transferência.....	28
3.4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
3.5.	REFERENCIAS.....	31
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÃO.....	33
5.	REFERÊNCIAS.....	35
	ANEXOS.....	37

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como objetivo analisar a evolução do conceito freudiano de transferência. Para isso será realizado um estudo teórico que partirá das obras de Freud que tratam do tema. De acordo com Roudinesco e Plon (1944/1998), em todas as correntes teóricas psicanalíticas, que se baseiam essencialmente nos escritos de Freud, a transferência paciente-terapeuta é algo imprescindível. Tal conceito é construído gradativamente durante toda a obra freudiana, percebe-se seu uso quando Freud abandona as técnicas de catarse¹, hipnose e sugestão.

O fim do século XIX, e início do século XX foi palco de grandes mudanças no mundo todo, umas delas, foi a criação da psicanálise, por Sigmund Freud. Inicialmente, Freud buscou entender o sofrimento das pacientes chamadas “*histéricas*”², e a partir destes estudos, criou uma teoria ampla e complexa acerca do psiquismo humano, além de também iniciar o desenvolvimento de uma prática para o tratamento das enfermidades psíquicas (CARLONI, 2011).

No que diz respeito a prática psicanalítica, inicialmente Freud estudou em Paris com Jean-Martin Charcot, um médico e cientista francês que tratava das “*histéricas*”, utilizando da hipnose e da sugestão. Posteriormente, com Breuer, onde juntos, desenvolveram o método catártico, e trataram do muito conhecido caso de Anna O., uma jovem que apresentava crises de tosse, alucinações e diversos outros sintomas não correlatos, até mesmo o esquecimento da própria língua natal e paralisia. Durante o tratamento dessa jovem, foi-se utilizado da hipnose, da catarse, e foi a partir desse caso que se iniciou o desenvolvimento do que Freud chamava de “cura pela fala” (FREUD, 1893/1996)

Nesta mesma obra, Freud começa a falar sobre estar percebendo que a relação paciente-terapeuta faz com que o paciente transfira certos afetos de seu passado para o terapeuta, e que “Essa é uma ocorrência frequente e, a rigor, usual em algumas análises. A transferência para o médico se dá por meio de uma falsa ligação” (p.214). O autor salienta que

¹ De acordo com Roudinesco e Plon (1998, p.107-108), catarse é uma “Palavra grega utilizada por Aristóteles para designar o processo de purgação ou eliminação das paixões que se produz no espectador quando, no teatro, ele assiste à representação de uma tragédia”. A palavra foi reciclada por Freud e Breuer, ao criar o método catártico, que seria uma técnica terapêutica na qual o sujeito elimina seus afetos patológicos ao reviver os acontecimentos aos quais eles estão ligados.

² A histeria é uma neurose caracterizada por quadros clínicos variados, mas que tem em comum no fato de que os conflitos psíquicos inconscientes se exprimem pelo corpo, com tosse, paralisias, entre outros sintomas. (ROUDINESCO; PLON 1944/1998 p.337, 338)

essa transferência feita entre paciente-terapeuta se dissipa com o fim da análise (FREUD, 1893/1983, p.214). De acordo com Baratto (2010, p.228), é precisamente em 1900, na obra “A interpretação dos sonhos”, que Freud faz menção de forma clara a transferência, empregando-a no plural, para se referir aos “intrincados processos de deformação pelos quais passa o desejo com a finalidade de driblar as resistências”, sendo assim, compreende-se que a transferência pode ocorrer de diversas formas.

Diante do exposto, pergunta-se: Qual a importância da transferência no processo psicoterapêutico de base psicanalítica? Acredita-se que para a psicanálise a transferência é a condição básica para que a psicoterapia seja realizada. Na obra “*Um caso de Histeria*”, Freud questiona:

O que são as transferências? São reedições reproduções das moções e fantasias que, durante o avanço da análise, soem despertar-se e tornar-se conscientes, mas com a característica (própria do gênero) de substituir uma pessoa anterior pela pessoa do médico. Dito de outra maneira: toda uma série de experiências psíquicas prévia é revivida, não como algo do passado, mas como um vínculo atual com a pessoa do médico (FREUD, 1901, p. 111).

A motivação para pesquisar sobre o tema da transferência é resultado da experiência terapêutica durante o Estágio Profissional realizado no Centro de Saúde do UNICERP – Centro Universitário do Cerrado Patrocínio, onde o referencial teórico adotado é a Psicanálise em sua essência, baseando-se nos estudos de Freud, pois de acordo com Roudinesco e Plon (1944/1998), na abordagem freudiana prioriza-se a relação transferencial paciente-terapeuta.

Baratto (2010, p.236), afirma de forma clarificada que “o analista ocupa na economia psíquica de seus analisandos, um lugar de importância, observando que eles lhe devotavam uma fé e uma confiança desmedidas e isentas de crítica”, sendo assim, a transferência é o que possibilita ao terapeuta/analista, ser um recipiente de segurança para que o paciente/analisando, faça associações livres, e possa assim, ressignificar vivências, elaborar perdas, simbolizar acontecimentos, e trabalhar para a sua cura durante o processo terapêutico.

Segundo Roudinesco e Plon (1944/1998, p. 766), “a inovação freudiana consistiu em reconhecer nesse fenômeno um componente essencial da psicanálise, a ponto, aliás, de esse novo método se distinguir de todas as outras psicoterapias por empregar a transferência como instrumento da cura no processo de tratamento”.

Dessa forma, o presente estudo percorrerá os caminhos teóricos referentes à transferência, visando clarificar a construção deste conceito e checar sua importância nas relações terapêuticas contemporâneas. E também iniciar o seu caminho na base dos estudos

freudianos, e perpassar por artigos contemporâneos, para compreender as mudanças e conjecturas que houveram no conceito de transferência com o passar dos anos.

2 OBJETIVOS

2.1 Geral

Analisar a importância do conceito de transferência para a psicanálise, partindo de um referencial psicanalítico freudiano, e percorrendo por artigos contemporâneos que analisam a relação entre paciente e terapeuta na contemporaneidade.

2.2 Específicos

- Descrever a evolução do conceito freudiano de transferência dentro de sua obra, e de demais estudos que trabalhem o tema.
- Apresentar, de acordo com o material estudado, os diferentes modos os quais a transferência pode se apresentar na relação paciente-terapeuta durante o processo analítico.

3 DESENVOLVIMENTO

A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE TRANSFERÊNCIA NA OBRA FREUDIANA

NAYARA LÍVIA PEREIRA SOARES³
TACYANA SILVA PERES⁴

RESUMO

Introdução: Transferência é um conceito básico dentro da psicanálise, a compreensão desta é vital para a prática psicanalítica. Sigmund Freud notou a transferência bem cedo em seus estudos, e construiu este conceito durante toda a sua obra. Tal conceito aborda a relação entre paciente e terapeuta que ocorre durante a análise, surgindo logo com o início da relação terapêutica, sendo um dos pontos primordiais da prática psicanalítica, pois de forma simples, é o vínculo que une paciente e terapeuta e possibilita que tenha a cura dos sintomas. **Objetivos:** Analisar a importância do conceito de transferência, partindo de um referencial psicanalítico freudiano, descrever a evolução do conceito freudiano de transferência dentro de sua obra, além de apresentar, os diferentes modos às quais a transferência pode se destacar na relação paciente-terapeuta durante o processo analítico. **Materiais e Métodos:** Utilizou-se de uma revisão sistemática de literatura, que visa responder à pergunta norteadora do trabalho: “Qual a importância da transferência no processo psicoterapêutico de base psicanalítica?”, por meio de uma busca eletrônica de dados em base científica (LILACS) e as obras Freudianas. A busca de dados possibilitou encontrar 105 trabalhos, em seguida foram lidos os resumos de todos e selecionados aqueles que melhor se relacionavam com o tema do estudo. Foram descartadas 91 sendo eles: dissertações, resenhas, artigos em outra língua que não o português, artigos incompletos, língua estrangeira, fora do intervalo de anos requisitados, fugindo a temática, sendo assim totaliza 14 artigos estudados que variavam do ano 2008 a 2018. **Resultados:** Dessa forma, percebeu-se que os artigos mostravam um desenvolvimento e uma divisão no que consiste a temática transferência. Foi verificado que há uma evolução do conceito dentro da obra Freudiana, e autores mais atuais; além disso, constata as diferentes formas as quais a transferência pode se apresentar na clínica, o que implica uma prática que visa sempre o bem-estar do paciente. **Conclusão:** Compreende-se que sem a transferência, não há análise; e que a transferência é fundamental para a psicanálise, e sua prática. Entendeu-se também que para cada analisando, há uma subjetividade, e que a transferência vem de várias formas, não existindo duas transferências iguais, mesmo porque não há dois pacientes iguais.

Palavras-Chave: Psicanálise. Transferência. Análise.

ABSTRACT

³ Autora, Graduanda em Psicologia pelo UNICERP;

⁴ Orientadora, Professora Especialista do Centro Universitário do Cerrado Patrocínio.

Introduction: Transference is a basic concept of psychoanalysis, understand this concept is a matter of vital importance for psychoanalytic practice. Sigmund Freud perceive this concept very early in his studies, and he started building this throughout all his work. That concept approaches the relationship between therapist and patient that occurs during the analyses, this one starts at the beginning of the therapy and it's one of the prime points of psychoanalyses, because the link between them are what enables the cure. **Objectives:** Analyze the matter of the transference concept, starting at a Freudian reference, describing the evolution of the concept and the different modes that the transference can detach in the analyses. **Materials and Methods:** A systematic literature review was used to answer the guiding question of the work: "How important is transference in the psychoanalytic psychotherapeutic process?", Through an electronic search of data on scientific basis (LILACS) and Freudian works. The data search made it possible to find 105 papers, then the abstracts of all were read and those that were better related to the subject of the study were selected. 91 were discarded: dissertations, reviews, articles in a language other than Portuguese, incomplete articles, foreign language, outside the range of years required, thus avoiding the subject matter, thus totaling 14 articles studied that varied from year 2008 to 2018. **Results:** In this way, it was noticed that the articles showed a development and a division in which the thematic transference. It was verified that there is an evolution of the concept within the Freudian work, and more current authors; in addition, it identifies the different ways in which the transference can occur in the clinic, which implies a practice that always aims at the patient's well-being. **Conclusion:** It is understood that without the transfer, there is no analysis; and that transference is fundamental to psychoanalysis, and its practice. It was also understood that for each analyst, there is a subjectivity, and that the transference comes in several forms, and there are no two identical transfers.

Keywords: Psychoanalysis. Transference. Analyses.

3.1 INTRODUÇÃO

Este estudo busca compreender os caminhos que paciente e analista percorrem durante a análise, tendo como foco a transferência que ocorre entre paciente e terapeuta; e alguns de seus possíveis desdobramentos. Roudinesco e Plon (1944/1998) explicam que Psicanálise é um termo cunhado por Freud, para nomear seu modelo único de psicoterapia (cura pela fala, como dita em época); os autores complementam que este tratamento se inicia com a descoberta do método catártico, juntamente a Josef Breuer, perpassando pela compreensão do processo de associação livre e interpretação.

Maurano (2006), afirma que a transferência é a principal ferramenta da psicanálise, e que este é um conceito complexo que explica a relação que paciente e terapeuta iniciam, tornando possível a aplicação do método psicanalítico. Destarte, vê-se que compreender a transferência, e saber trabalhar com esta, é extremamente necessário para que a análise possa ocorrer da forma devida.

Ao discutir a respeito da formação de uma analista, Ferraz (2014), menciona o tripé psicanalítico, a necessidade de se compreender a psicanálise em três estâncias. A primeira delas é o conhecimento teórico, onde o psicanalista busca se apropriar dos conceitos, podendo trabalhá-los e criar conjecturas a seu respeito. A segunda delas, que ocorre em simultaneidade com a primeira, é a análise com um psicanalista, para compreender os próprios processos e entender a relação terapêutica em si, como algo se cria e recria a todo momento. E como terceiro eixo, a supervisão de casos clínicos, onde o aspirante a psicanalista, busca auxílio de um psicanalista pleno para dar-lhe outra visão acerca de sua prática, apontando-lhe aquilo que passa pelo seu olhar.

Vendo-se então que a prática psicanalítica perpassa o tempo todo pelo outro, pergunta-se: Qual a importância da transferência no processo psicoterapêutico de base psicanalítica? A partir de todas as conjecturas já elaboradas, acredita-se que para a psicanálise a transferência é a condição básica para que a psicoterapia seja realizada. Dessa forma, o presente estudo pretende analisar a importância do conceito de transferência para a psicanálise, partindo de um referencial psicanalítico freudiano, e perpassando por artigos contemporâneos que analisam as relações entre paciente e terapeuta na contemporaneidade. Além de almejar descrever a evolução do conceito freudiano de transferência dentro de sua obra, e de demais estudos que trabalhem o tema; vindo também a apresentar, de acordo com o material estudado, os diferentes modos os quais a transferência pode se apresentar na relação paciente-terapeuta durante o processo analítico.

O que instigou a produção deste trabalho foi à experiência terapêutica dentro de uma clínica escola, durante o Estágio Profissional realizado no Centro de Saúde do UNICERP, o qual a supervisão e suas discussões giravam em torno da importância de compreender e lidar com a transferência durante todo o processo psicanalítico. Para além destas discussões, também houve o estudo da teoria psicanalítica em sua raiz freudiana, e observando que Freud dava enfoque nas relações transferenciais e seus efeitos, e então surgiu o interesse pautado na importância de não haver dúvidas dentro de tal conceito.

Assim sendo, este estudo circulará pelo conceito de transferência e suas possíveis ramificações, visando elucidar sua importância dentro do processo psicanalítico nas relações terapêuticas contemporâneas. Para tal, foram estudados os trabalhos freudianos, e também trabalhos contemporâneos, para compreender as devidas mudanças e discussões que tomaram forma através de mais de um século desde a criação da psicanálise.

3.2 MATERIAL E MÉTODOS

3.2.1. Tipo de estudo

Este estudo tem como base uma revisão sistemática de literatura, tendo como princípio analisar a importância da transferência no processo psicoterapêutico de base psicanalítica. Guanilo, Takahashi e Bertolozzi (2010), deixam claro que uma revisão sistemática de literatura é um estudo que visa compreender questões teóricas, e unificar conhecimentos, em suas diferentes bases e interpretações. Este estudo almeja por este método, compreender por meio de trabalhos e obras posteriores, a transferência, suas nuances, nas diferentes formas de relação paciente-terapeuta.

A revisão sistemática de literatura é um método rigoroso, que se baseia em revisões do tema escolhido, buscando descrever de forma organizada qual o caminho percorrido para encontrar os estudos temáticos, além de buscar unificar conhecimento para estruturar novas propostas de pesquisas. (GUANILO; TAKAHASHI; BERTOLOZZI; 2010)

3.2.2 Estratégia de busca de referências

O presente estudo se trata de um estudo de base psicanalítica, buscando identificar, compreender e clarificar questões acerca do conceito de transferência; sendo assim acredita-se que a busca teórica em sua raiz é essencial para compreender os fundamentos de uma teoria e uma forma de pensamento; o sentido para qual tange suas construções teóricas e o que a diferencia das demais teorias que poderiam ter surgido nesta mesma época. Baseando-se nessas premissas, entende-se que, para trilhar o caminho metodológico para conclusão deste estudo, é importante que se use a base psicanalítica que se encontra em Freud e seus estudos, de forma mais específica os relacionados a transferência.

Contudo, entende-se que desde que Freud desenvolveu suas construções teóricas, houveram outros psicanalistas, e pensadores que enriqueceram a teoria psicanalítica, sendo assim, o presente estudo pretende abordar alguns textos freudianos em sua base – aqueles que

trabalham o conceito de transferência e sua evolução – assim como estudar autores modernos para trabalhar como um contraponto, apresentando as evoluções e construções posteriores a Freud.

Assim sendo, definiu-se que uma busca de estudos recentes deveria ser feita em uma base de dados confiável e que poderia apresentar uma quantidade de artigos favoráveis para trabalhar as questões teóricas necessárias. A base de dados escolhida foi a base Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), pela sua funcionalidade e garantia, além de conter diversos estudos de diversas áreas. Foram utilizados os descritores transferência, contratransferência e psicanálise. Para se encontrar estes termos, analisou-se o que se relacionava melhor com o objetivo deste estudo; logo após foi feita uma busca na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), e os descritores que melhor se relacionavam com o termo psicanalítico transferência foram os escolhidos, sendo eles transferência, contratransferência e análise.

3.2.3 Procedimentos de seleção e avaliação das referências

Para criar-se um contraponto com o referencial primariamente utilizado – as obras Freudianas –, com sua atemporalidade e extensão, optou-se por utilizar apenas artigos, pois estes são uma forma mais atual de construção de conhecimento, que muitas das vezes buscam comprovar e aprimorar conceitos já trabalhados anteriormente por autores mais basais. Assim sendo, foram descartados livros, resenhas, dissertações, entre outras modalidades de trabalho, utilizando-se apenas de artigos para fazer o contraponto ao referencial teórico freudiano.

Isto posto, foi feita uma busca na base de dados LILACS, no dia 29 de agosto de 2018, com os descritores: transferência, contratransferência e psicanálise; o resultado foram 105 estudos encontrados. Os critérios considerados primariamente foram o idioma e a possibilidade de encontrar estes artigos na íntegra, outro critério foi o intervalo dos anos das publicações considerando um intervalo de 10 anos, de 2008 até 2018 tendo relação com o tema da pesquisa, o idioma utilizado foi o português.

3.2.4 Referencial teórico e resultados

A busca eletrônica totalizou 105 artigos científicos com base de dados da LILACS. Em seguida foram lidos os resumos de todos e selecionados aqueles que melhor relacionavam com o tema deste estudo em questão. Foram descartadas dissertações, resenhas, artigos em outra língua que não o português, sendo 9 artigos incompletos, 16 em língua estrangeira, 53 fora do intervalo de anos requisitados, 13 fora da temática, totalizando 14 artigos a serem utilizados no resultado final conforme a seguir:

TÍTULOS	ANO DE PUBLICAÇÃO	AUTORES	REVISTA DE PUBLICAÇÃO
1 A delicadeza no campo analítico: estudando contratransferência e enactment pela internet	2011	GAVIÃO, Ana Clara Duarte. et al.	J. Psicanal. vol.44
2 A escuta analítica: corpo, afeto e palavra	2013	FUCHS, Solange Serrano; ZORNIG, Silvia.	Psicol. rev. (Belo Horizonte) vol.19
3 Babel ou semiosfera psicanalítica: quais as vias de desenvolvimento do conhecimento na psicanálise?	2008	GUIMARÃES FILHO, Paulo, Duarte.	Rev.bras. psicanál vol. 42
4 Construções em psicossomática psicanalítica	2008	HORN, Admar.	Rev. bras. psicanálise. vol. 42
5 Encontro analítico: a ênfase no mundo interno	2015	FRANÇA, João, Baptista, N, F.	J. psicanálise. vol.48
6 Hipocrisia e trauma: elaboração para uma metapsicologia da técnica em Ferenczi	2014	LABAKI, Maria, Elisa, Pessoa.	J. psicanálise. vol.47
7 O desvelar da velhice: as contribuições da psicanálise na busca de sentidos para a experiência do envelhecer	2008	ABRAHÃO, Emily de, Souza.	Rev. SPAGESP vol.9
8 Perversão de transferência e enactment: um caso clínico	2011	KLEIN, Raquel, Tawil.	J. psicanálise. vol.44
9 Questões contemporâneas (e não contemporâneas) sobre a prática clínica	2012	SILVA, Laís, Santin; SOUZA, Laura, Vilela; SCORSOLINI-COMIN, Fabio.	Vínculo vol.9
10 Reações contratransferências e	2008	LARTIGUE DE VIVES, Teresa; ROCABERT, Juan.	Rev. bras. psicanálise v.42

gênero do analista e analisando			
11 Reflexões psicanalíticas Winnicottianas sobre o sentido do silêncio no <i>setting</i>	2013	COSTA, Camilla Gonçalves da; RIBEIRO, Diana Pancini de Sá Antunes; VOLPATO, Ana Lúcia e ABRAO, Jorge Luís Ferreira.	Bol. psicol. vol.63
12 Saturação teórica em pesquisas qualitativas: contribuições psicanalíticas	2012	FONTANELLA, Bruno, Jose, Barcelos; JUNIOR, Ronis, Magdaleno	Psicol. estud. vol.17
13 Sobre a supervisão em psicanálise: relendo Freud a partir de Lacan	2014	POLI, Maria, Cristina; SCHNEIDER, Vinicius, Scott.	Psicol. clín. vol.26
14 Travessia: a clínica de um término anunciado	2017	MARCHINI, Sonia, Maria, Camargo.	J. psicanálise. vol.50

3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram elaboradas três tópicos para discussão, pois viu-se que alguns textos conversavam entre si em certos temas, dessa forma, foram usados os artigos para corroborar com as construções teóricas freudianas, pontuando aquilo que se repetia e aquilo que havia mudado de alguma forma.

3.3.1 – O conceito de transferência e sua evolução

Freud iniciou sua prática com as histéricas, mulheres que devido a um grande trauma, uma grande dor psíquica, acabavam por somatizar essa dor, isso quer dizer, que apresentavam sintomas físicos que causavam grande sofrimento e assim, faziam com que elas procurassem essa nova prática, a psicanálise. Apesar do tempo ter passado, na contemporaneidade, o que faz

com que as pessoas procurem um analista é a dor, o sofrimento psíquico, a necessidade de se falar sobre coisas não resolvidas em suas vidas. (FRANÇA, 2015, p. 222).

Laplanche e Pontalis (2001), afirmam que a relação terapêutica em psicanálise se baseia inicialmente na transferência, que é uma forma de repetir e re-vivenciar afetos infantis, porém com uma certa atualização, que o leva a viver tais afetos de uma nova perspectiva. Dessa forma, a relação analítica ao mesmo tempo repete e transforma afetos já vivenciados, e cria novos afetos durante a relação terapêutica. Dessa forma, o fenômeno da transferência pode ser reconhecido no tratamento independentemente do método utilizado. Mesmo antes de desenvolver o conceito de transferência ela pode ser reconhecida como presente na relação paciente-terapeuta.

Ao começar a pensar na prática psicanalítica, Freud deu ênfase a escuta do passado, pois o autor percebeu de forma clara, que os afetos passados tinham grandes repercussões no presente; principalmente quando estes fatos eram de certa forma traumáticos, ou de alguma forma marcavam os pacientes. Freud percebeu que muitas vezes, ao vivenciar situações semelhantes, os pacientes vinham a repetir as ideias da mesma forma, o que foi chamado de tendência a repetição; ao compreender isto, Freud também percebeu que essa tendência a repetição transferia os afetos passados para o terapeuta; a esses afetos transferidos, Freud chamou de transferências. (FRANÇA, 2015)

Freud em sua obra *Estudos sobre a histeria* (1893-1895), acompanhou de perto o caso clínico de histeria de Anna O., paciente atendida por Josef Breuer. Durante seu relato já se evidenciava a importância do lugar do terapeuta para o tratamento e cura da paciente. Em suas palavras “Eu era a única pessoa que ela sempre reconhecia quando entrava; enquanto eu conversava com ela, a paciente permanecia animada e em contato com as coisas exceto pelas súbitas interrupções causadas por uma de suas “absences” alucinatórias [...]”. (FREUD, 1893, p. 62)

“A princípio, nos Estudos sobre a histeria* e em A interpretação dos sonhos*, ele apreendeu a transferência sob o prisma de um deslocamento do investimento no nível das representações psíquicas, mais do que como um componente da relação terapêutica.” (ROUDINESCO; PLON 1944/1998, p.767). Dessa forma, vê-se que primeiramente, tal conceito era visto como apenas uma forma de deslocar a libido de um objeto para outro, e não um fruto da relação terapêutica, como Freud viria a compreender e expor futuramente em estudo como no “Mais-além do Princípio do Prazer” (FREUD, 1920).

Quando Breuer relatou o caso para Freud, foi percebido que, conforme a paciente relatava suas angústias, melhoras ocorriam de forma passageira, e em pouco tempo suas crises voltavam a acontecer. Freud aponta que a técnica de hipnose não era mais efetiva, e em dias de duras crises, a hipnose de nada adiantava para amenizar os sintomas da paciente. Sendo assim, Freud percebeu que não necessitava da hipnose para que a paciente falasse acerca de seu adoecimento e de suas situações traumáticas. Freud ressalta “[...] apresentava uma característica que era sempre observável quando um sintoma estava sendo ‘eliminado pela fala’: o sintoma específico surgia com maior intensidade enquanto ela o elaborava.” (FREUD 1893. p.72).

Foi na análise do caso Dora em 1905 que Freud tem seu primeiro contato com a transferência negativa. Freud ressalta que “A produtividade da neurose, porém de modo algum se extingue, mas se exerce na criação de um gênero especial de formação de pensamentos, em sua maioria inconscientes, às quais se podem dar o nome de ‘transferências’” (FREUD, 1901. p.111).

O caso Dora, que foi documentado por Freud na obra “Um Caso de Histeria” (1901-1905), relata um caso clínico de uma jovem que chegou a ele por intermédio do pai da mesma. Para sigilo da paciente, Freud utilizou o nome fictício Dora durante seus relatos. Neste texto Freud já tem conhecimento da transferência nos seus atendimentos, sendo de uma transferência negativa. Segundo Freud:

Não consegui dominar a tempo a transferência; graças à solicitude com que Dora punha a minha disposição no tratamento uma parte do material patogênico, esqueci a precaução de estar atento aos primeiros sinais da transferência que se preparava com outra parte do mesmo material, ainda ignorada por mim. (FREUD, 1901. p.113).

Freud (1905) completa que para Dora sustar seus sentimentos de vingança usados contra o pai ela os transfere para o médico, que por não se dar conta da transferência não foi possível reconduzir os conteúdos inconscientes a sua origem infantil, mostrando então, que quando o terapeuta não consegue compreender e utilizar da transferência a seu favor, esta pode vir a se tornar uma resistência⁵ e atrapalhar o processo terapêutico.

Segundo Roudinesco e Plon (1944/1998. p. 767) “ao se recusar a ser objeto do arroubo amoroso de sua paciente, Freud opôs uma resistência que, em contrapartida, desencadeou uma transferência negativa por parte dela”. Trata-se de uma transferência negativa da paciente, que

⁵ Roudinesco e Plon (1944/1998, p.659) afirmam que a resistência é uma reação do analisando que cria dificuldades, obstáculos e afetos negativos para com o analista no decorrer da análise. Impedindo o paciente de associar livremente e evoluir em sua análise.

por sua vez foi resultado da contratransferência do terapeuta, que neste caso específico, se caracterizava pela resistência de Freud em ficar no lugar que a paciente queria que este ficasse. Explicando o sentido de transferência negativa, Roudinesco e Plon (1998), assinalam que Freud não se deu conta que Dora o havia colocado no lugar do Sr. K. , continuando a insistir que Dora sentia um desejo inconfessável pelo mesmo, deixando, assim, seu lugar de terapeuta que deveria expor o que estava sendo colocado no ato, sendo isso a causa da interrupção do tratamento.

Cabe então perguntar, o que são os fenômenos de transferência? No texto de 1905, Freud escreve “São reedições, reproduções das moções e fantasias que, durante o avanço da análise, soem despertar-se e tornar-se conscientes, mas com característica (própria do gênero) de substituir uma pessoa anterior pela pessoa do médico” (FREUD, 1905. p. 111.).

França (2015, p.221-222), deixa claro que:

A ênfase no mundo interno do paciente e também do analista constitui o aspecto mais central do trabalho deste e se processa com a compreensão da transferência e da contratransferência presentes no encontro, questões ao mesmo tempo intrapsíquicas e relacionais; e os fenômenos de campo devem ser considerados como uma importante contribuição para a compreensão dos fenômenos intrapsíquicos. (FRANÇA, 2015, p.221-222)

Dessa forma, entende-se que além da transferência, que parte do paciente em direção ao terapeuta, há também a contratransferência, que parte do terapeuta para o paciente. Entende-se também que a relação terapêutica se dá em “dois mundos”, o interno e o externo, isso é, aquele que o paciente percebe e fala a respeito (externo, perceptível), e aquele que direciona os afetos do paciente para o terapeuta e para os acontecimentos do dia-a-dia, sendo este, o mundo intrapsíquico, o inconsciente.

De acordo com Roudinesco; Plon (1944/1997p. 133), a contratransferência consiste no “conjunto das manifestações do inconsciente do analista relacionadas com as da transferência de seu paciente”. Sendo assim, a contratransferência é uma resposta do terapeuta para com o paciente, e para Freud, o terapeuta deve sempre identificar, compreender e impedir que qualquer criação do próprio inconsciente alcance o paciente, pois se isso acontecer, pode vir a surgir o fenômeno que o mesmo chamou de “amor transferencial”.

Freud (1915/1964, p.103 – Vol 12.), explica que o “amor transferencial” surge quando o analista não consegue compreender e lidar com a transferência do paciente, se mantendo no lugar que o paciente o coloca e dessa forma, “realizando” o desejo do paciente, sendo assim, a análise se arruína pois o paciente apenas revive o afeto, mas não o ressignifica. Freud em sua obra refere-se:

É, portanto, tão desastroso para a análise que o anseio da paciente por amor seja satisfeito, quanto que seja suprimido. O caminho que o analista deve seguir não é nenhum destes; é um caminho para o qual não existe modelo na vida real. Ele tem de tomar cuidado para não se afastar do amor transferencial, repeli-lo ou torná-lo desagradável para a paciente; mas deve, de modo igualmente resoluto, recusar-lhe qualquer retribuição. Deve manter um firme domínio do amor transferencial, mas tratá-lo como algo irreal, como uma situação que se deve atravessar no tratamento e remontar às suas origens inconscientes e que pode ajudar a trazer tudo que se acha muito profundamente oculto na vida erótica da paciente para sua consciência e, portanto, para debaixo de seu controle. (FREUD, 1915/1964, p. 103)

Dessa forma, vê-se o quanto Freud se tornou cauteloso com relação a contratransferência e suas repercussões na vida do paciente; sendo indispensável para o analista que o mesmo fizesse auto análise, supervisão, ou até mesmo terapia, para lidar com suas próprias questões internas, não as deixando interferir na vida do paciente. A auto análise, e a supervisão se tornariam um dos tripés para a prática psicanalítica.

Freud (1910/1969, p. 150), deixa claro que:

...nenhum psicanalista avança além do quanto permitem seus próprios complexos e resistências internas; e, em consequência, requeremos que ele deva iniciar sua atividade por uma auto-análise e levá-la, de modo contínuo, cada vez mais profundamente, enquanto esteja realizando suas observações sobre seus pacientes. (FREUD, 1910/1969 p.150)

Sendo assim, percebe-se o quanto é importante para aquele que almeja se tornar um psicanalista, compreender a teoria e dominar os seus conceitos, além de manter a supervisão e a própria análise; pois a análise do paciente por sua vez, não perpassa apenas por caminhos internos deste, mas por vias que chegam ao terapeuta e voltam ao paciente. Dessa forma, Freud afirma que o analista encontra suas barreiras naquilo que não está resolvido em si, para que essas barreiras não sejam encontradas facilmente, salienta-se a importância de manter a própria análise mesmo após se tornar um psicanalista pleno.

De acordo com França (2015, p.222):

Freud privilegiou o passado e suas repercussões no presente; ao observar a transformação de acontecimentos traumáticos (no sentido lato) do passado nos sintomas e manifestações do presente, foi construindo ideias sobre a tendência à repetição, base da descoberta do inconsciente e também da transferência. (FRANÇA, 2015, p.222)

Dessa forma, Freud compreendeu que as dores psíquicas que atrapalham o paciente tinham sua raiz no passado, mas que essas dores eram diariamente “revividas” e “revivenciadas”, porém, com a particularidade dos tempos contemporâneos. Ou seja, a pessoa revivia um afeto de seu passado com o contexto do momento, fazendo-o então atualizar sua dor. Essa inicial descoberta da transferência possibilitou a Freud compreender que a experiência analítica se dava não apenas de forma intelectual, mas se passava também no mundo interno do paciente, fazendo com que este se reencontrasse com aquele afeto e pudesse então, de forma inconsciente, transformá-lo. Considerando isso, podendo-se considerar a sessão como um palco de transformações e atualizações para o paciente. (FRANÇA, 2015)

Maurano (2006, p.15), salienta que ao compreender melhor a transferência, Freud afirmou que a transferência é o que possibilita ao terapeuta girar em torno da organização subjetiva do paciente, e que este tem o sentido de “estabelecimento de um laço afetivo intenso, que se instaura de forma quase automática e independente da realidade, na relação com o médico”. Assim sendo, compreende-se que o conceito de transferência nas obras freudianas evoluiu de uma inicial transferência de afeto para se tornar a base do processo analítico, em torno do qual giram outros conceitos importantes como a repetição, a resistência e a contratransferência, além de haverem infinitas formas as quais a transferência pode se desenrolar.

3.3.2 – A importância da transferência no processo terapêutico

Segundo Fuchs, Zornig (2013, p.342), a psicanálise foi construída com base na escuta clínica, escuta essa que se atentava ao mundo interno do paciente, a dimensão inconsciente que este levava em sua fala. Tal escuta não se limitava então ao que o paciente conseguia produzir verbalmente, mas ao que o mesmo trazia além disto, o que carecia de sentido, e o que não conseguia inicialmente mostrar clareza. Compreende-se então que pelo fato de a psicanálise trabalhar com o mundo interno do paciente, cada terapia é única, assim como o sujeito, e necessita de uma sensibilidade ímpar por parte do terapeuta.

França (2015, p.221) explica que:

O encontro analítico se desenrola no campo da intersubjetividade. A subjetividade se encontra presente em todo ser humano; seja mais ou menos desenvolvidos a consciência e o uso que se tem dela. A intersubjetividade ocorre em toda a interação, e os analistas se tornaram cada vez mais cômicos

de sua importância no processo analítico, o que Freud tinha apenas vislumbrado. A teoria e a prática psicanalíticas tiveram início com o foco no intrapsíquico do paciente, incluindo a transferência; questões de contratransferência e a intersubjetividade foram surgindo aos poucos no cenário analítico. (FRANÇA, 2015, p.221)

Sendo assim, vê-se que a transferência de afeto do paciente para o terapeuta faz com que este se torne ferramenta imprescindível no tratamento terapêutico. Como França (2015) deixa claro, Freud iniciou a criação da psicanálise, e deu o pontapé inicial para a criação dos seus conceitos, porém, a prática psicanalítica gerou resultados e novas conceituações foram sendo criadas; conceituações estas que não necessariamente anulavam as anteriores, mas as completavam e deixavam a criação do aparelho psíquico humano ainda mais completa.

Baratto (2010) com relação ao aparelho psíquico:

Para compreendê-lo em toda extensão de sua complexidade é preciso percorrer a obra freudiana desde os Estudos sobre a histeria (1983-1985/1980b) até o Esboço de psicanálise (1938-1940/1989), se detendo em textos que não abordam especificamente a transferência, mas são relevantes para situá-la. (BARATTO, 2010, p. 240)

Dessa forma, compreende-se que na atualidade, a transferência pode ser identificada das diversas formas, às quais Freud construiu seu pensamento, indo desde o seu início, quando ela foi empregada no plural para relatar uma renovação do desejo inconsciente do sujeito, quando este se transforma e se transfere para o analista. Sendo assim, consegue-se perceber a transferência como uma formação do inconsciente, que se deforma para enganar as resistências.

“As transferências, no sentido plural, são, pois, no pensamento freudiano, reedições, reimpressões das representações recalçadas, apontando à mobilidade do inconsciente” (BARRATO, 2010, p. 230). Desta forma, o analista é como um sucessor para a representação que o paciente produziu uma vez com seu desejo, e que agora se atualiza na pessoa do analista. Nota-se então que o analista é alguém que tem lugar na economia psíquica do analisando, e este lugar é de tamanha importância, que por meio dela, o analisando chega a reeditar e elaborar seus afetos e desejos.

Observa-se que Freud também fala da transferência no singular, usando esta para dizer especificamente do laço que o analista desenvolve com seu paciente, sendo então que “A transferência, no singular, designa, no pensamento freudiano, uma forma particular de atualização do desejo inconsciente na situação concreta e precisa da análise” (Baratto, 2010, p.240). A transferência, quando pensada no singular, também se apresenta na clínica vigente, e

compreender isto, é essencial para que o analista identifique e lide com a transferência da forma correta para que o paciente possa elaborar e se desenvolver na análise.

Além da comunicação do paciente de fatos da atualidade e do passado, sentimentos, relacionamentos e do relato de sonhos, desde Freud descobriu-se que a própria relação nova com o analista era um fator relevante no trabalho de análise. Essa relação nem sempre é conscientizada em termos de uma compreensão verbalizada e é base de uma nova concepção de transferência e do trabalho analítico. Ocorre como uma espécie de “fantasma” que acompanha o processo; um fantasma que pode ser cordial, subversivo ou destrutivo, porém um parceiro indispensável e utilizável (FRANÇA, 2015).

Forjada artificialmente pelo processo analítico, através da figura da neurose de transferência, a repetição corresponde àquela parte do recalque impedida de ser posta em palavras, dada a resistência que se exacerba quando o trabalho se aproxima de um conteúdo conflituoso. Repete-se, portanto, em vez de lembrar; atua-se em vez de falar. E, como “não se pode vencer um inimigo ausente ou fora de alcance” (Freud, 1914/1996, p. 199), tornou-se padrão no tratamento analítico entender a repetição nas transferências negativas como um “mal” necessário, e sua dissolução, o objetivo a ser alcançado pelo método clínico através da interpretação de seus sentidos. Ferenczi, por outro lado, não compunha com a ideia de que a transferência negativa fosse um aspecto inevitável na análise, tampouco com a concepção que reporta suas raízes somente à neurose e a suas resistências. (LABAKI, 2014)

3.3.3 – As nuances da transferência

Baratto (2010) afirma que, a transferência se tornou cada vez mais complexa, a medida que a teoria se desenvolveu, sendo assim, compreender suas nuances e suas diferentes formas de se apresentar no processo terapêutico se torna essencial.

Inicialmente encontrou-se a transferência, no sentido geral; que era identificada como a movimentação de um afeto que o paciente sentiu por outra pessoa no passado, para a pessoa do analista. Vives e Rocabert (2008), apresentam que esta mesma transferência pode ter dois fins, o primeiro a de se tornar uma resistência, que é a situação em que o paciente sente um afeto que impede e atrapalha o processo analítico. A transferência pode vir a se tornar resistência quando o analista não lida corretamente com esta, e por meio de sua

contratransferência para o paciente, faz com que ele não elabore seu afeto, atrapalhando assim o processo terapêutico; contudo, Baratto (2010) explica que a resistência vem como um meio para que o desejo se transfira para o analista, e se torne uma representação recente, sendo então a resistência, combustível tanto para interromper com a análise, quanto para fazer com que o paciente faça elaborações.

Porém, quando o analista lida com esta de forma correta, isto possibilita ao paciente relembrar suas vivências, repeti-las e elabora-las, vindo então a dar fim àquele afeto que tanto o incomodava. É importante ressaltar que quando o fim da transferência ocorre de maneira positiva, e o paciente continua a análise, o que resta é o afeto para com o analista no presente, não re-vivenciando afetos passados (VIVES, ROCABERT, 2008).

De acordo com Zimerman (2007), a clínica psicanalítica ficou muito tempo focada em criar para o paciente a visão de um analista sólido que sempre poderia trazer interpretações e saberes acerca das angústias deste. Porém, recentemente viu-se uma mudança por meio da desconstrução dos saberes absolutos do mundo, onde a população passou a questionar os “saberes imutáveis”; com isto, o lugar do analista mudou, e de um pedestal do saber, o mesmo desceu para haver uma simetria entre analista e paciente, permitindo o não-saber, e o próprio descobrir por parte do paciente; trazendo então uma nova relação entre analista e paciente, onde o analista se torna mais frágil e deve de forma mais pontual, trabalhar a contratransferência para com o paciente, para que esta possa ser mais uma potência no tratamento psicoterapêutico.

Vives e Rocabert (2008, p.146) citam que à partir do descobrimento da contratransferência por parte de Freud, em 1910, outros psicanalistas tiveram demasiadas interpretações da mesma, porém, algo em comum existia nessas considerações a respeito da contratransferência. Ela era vista como:

[...]como a reação global do analista ao analisando(a) no tratamento psicanalítico. Esta aproximação considera, também, que as reações ou sentimentos contratransferenciais constituem uma ferramenta terapêutica sumamente valiosa, para uma melhor compreensão do mundo interno do analisando, assim como um método de diagnóstico diferencial para pacientes com transtornos severos de caráter. (VIVES; ROCABERT, 2008, p.146)

Sendo assim, compreende-se que a contratransferência, apesar de possuir certas diferenças teóricas para alguns analistas, é conhecida e aceita como a forma como o analista responde a transferência do paciente. Para alguns, essa contratransferência é sempre negativa, podendo prejudicar o paciente a lidar com a própria dor, tirando o analista de sua neutralidade, conceito que Freud elaborou para deixar claro que o analista trabalha a serviço do inconsciente,

apenas refletindo, interpretando e auxiliando o paciente a compreender suas angústias, nunca colocando nada de si em suas interpretações (SILVA, et al, 2012).

Uma última nuance da transferência encontrada durante a busca de estudos, foi a transferência erótica, que de acordo com Klein (2011), é um tipo especial de transferência que tem como objetivo a construção de uma relação ilusória entre paciente e analista, usando-se de estratégias para desafiar, ou irritar o analista, para que assim, este entre nas construções psíquicas do paciente não como alguém que está ali para compreender e ajudar o paciente a elaborar seus afetos; mas como alguém que vai vir a se tornar um “sócio perverso e cúmplice” desses afetos ali encontrados.

Para explicar melhor acerca deste tipo de transferência erótica, Klein (2011, p.165) usa o termo *enactment*, que em suas palavras:

O termo *enactment* designa um fenômeno clínico em que ocorrem esforços inconscientes do paciente para forçar o analista a sentir e atuar as configurações internalizadas do paciente; ou seja, produz-se quando o paciente tenta levar o analista a se comportar de tal forma que seu ato confirme uma fantasia transferencial. (KLEIN, 2011, p.165)

Sendo assim, vê-se que tanto a transferência, quanto a contratransferência podem se apresentar de diversas formas no espaço terapêutico; indo desde uma movimentação psíquica dos afetos que auxilia no processo analítico, fazendo com que o paciente elabore suas lembranças, até uma resistência que pode vir a atrapalhar e findar a análise. Percebeu-se também que a transferência, quando erotizada pelo paciente, pode vir a retirar o analista do seu lugar, tornando-o cúmplice do adoecimento do paciente, e para que isso se evite, percebeu-se que é necessário para o analista, manter-se sempre atento a forma que está atuando a sua contratransferência; para assim, se manter no lugar de analista e auxiliar o paciente a ressignificar seus afetos.

3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegou-se à conclusão de que ao se falar da transferência, muitas das vezes os autores contemporâneos se apegam as suas ideias e construções teóricas, o que é importante, pois desde sua criação a psicanálise evoluiu bastante. Porém, acredita-se que deixar de lado a raiz psicanalítica, que se encontra em Freud, não é algo recomendável, pois o estudo deste é

fundamental para que o analista possa desenvolver uma prática pautada na ética e moral psicanalítica.

Conclui-se então que aquele que deseja se tornar analista deve, em primeiro lugar, estudar a fundo as obras Freudianas, para compreender e dominar os diversos conceitos e suas tonalidades, para que sua prática seja embasada em um sólido referencial teórico, porém, captou-se também que é necessário o estudo de autores atuais, para que esta prática esteja atualizada. Ao fim, compreendeu-se que sem a transferência, não há análise; e que a transferência é fundamental para a psicanálise, e sua prática. Entendeu-se também que para cada analisando, há uma subjetividade, e que a transferência vem de várias formas, não existindo duas transferências iguais.

3.5 – REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, E, S. O desvelar da velhice: as contribuições da psicanálise na busca de sentidos para a experiência do envelhecer. **Revista da SPAGESP**, São Paulo Jan.-Jun. 2008, Vol. 9, nº. 1, p. 57-65

BARATTO, G. Genealogia do conceito de transferência na obra de Freud. **Estilos da Clínica**, 2010, Vol. 15, nº 1, p. 228-247

COSTA, C, G., RIBEIRO, D, P, S, A., VOLPATO, A, L., ABRÃO, J, L, F. Reflexões psicanalíticas winnicottianas sobre o sentido do silêncio no setting. **Boletim de Psicologia**, 2013, Vol. LXIII, nº 138, p. 49-63

FERRAZ, F, C. Transmissão e formação: apontamentos sobre o tripé analítico¹. **Jornal De Psicanálise**. Ed. 47, p. 87-102. 2014

FILHO, P, D, G. Babel ou semiosfera psicanalítica: quais as vias de desenvolvimento do conhecimento na psicanálise? **Revista Brasileira de Psicanálise**. 2008, Vol.42, nº 2, p.118-127

FONTANELLA, B, J, B., JÚNIOR, R, M. Saturação teórica em pesquisas qualitativas: contribuições psicanalíticas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 1, p. 63-71, jan./mar. 2012

FRANÇA, J, B, N, F. Encontro analítico: a ênfase no mundo interno. **Jornal De Psicanálise**, 2015, Vol. 48, nº 88, p. 219-235

FREUD, S. A dinâmica da Transferência. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XII.**: Edição Standart brasileira/Sigmund Freud; com comentários e notas de

James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alex Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e inglês sob direção geral de Jayme Salomão. 1996. Imago. Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1911/1913)

_____. A Psicoterapia da Histeria. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. II:** Edição Standart brasileira/Sigmund Freud; com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alex Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e inglês sob direção geral de Jayme Salomão. 1996. Imago. Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1893/1895)

_____. Além do Princípio do Prazer, Psicologia de Grupo e Outros Trabalhos. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII.:** Edição Standart brasileira/Sigmund Freud; com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alex Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e inglês sob direção geral de Jayme Salomão. 1996. Imago. Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1920/1922)

_____. Observações sobre o amor transferencial. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XII.:** Edição Standart brasileira/Sigmund Freud; com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alex Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e inglês sob direção geral de Jayme Salomão. 1996. Imago. Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1901)

FUCHS, S, S., ZORNIG, S. A escuta analítica: corpo, afeto e palavra. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, 2013, Vol. 19, nº 3, p. 340-352

GAVIÃO, A, C, D., CAMARGO, A, M, A., PALIS, F., RICCI, F, M., FREITAS, L, M, C., DEGANI, M, G, P, L., SAMMARCO, M, C, A., CASSORLA, R, M, S. A delicadeza no campo analítico: estudando contratransferência e *enactment* pela internet. **JORNAL de PSICANÁLISE**, São Paulo, 2011, Vol.44, nº 81, p. 203-222

GUANILO, M. C, D, T. U.; TAKAHASHI, R. F.; BERTOLOZZI, M, R. Revisão sistemática: noções gerais. **Revista Escola de Enfermagem USP**, São Paulo, v. 45, n. 5, p. 1260-1266, 2010

HORN, A. Construções em psicossomática psicanalítica. **Revista Brasileira de Psicanálise**. 2008, Vol.42, nº 3, p. 55-58

KLEIN, R, T. Perversão de transferência e *enactment*: Um caso clínico. **Jornal De Psicanálise**, São Paulo, 2011, Vol. 44, nº 81, p. 163-174

LABAKI, M, E, P. Hipocrisia e trauma: elaborações para uma metapsicologia da técnica em Ferenczi. **Jornal De Psicanálise**, 2014, Vol. 47, nº (87), p. 179-194

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. Vocabulário da psicanálise. Tradução de Pedro Tamem. São Paulo: Martins Fontes, 2001

MARCHINI, S, M, C. Travessia: A clínica de um término anunciado. **JORNAL de PSICANÁLISE**, 2017, Vol. 50, nº 93, p. 257-269

MAURANO, D. **A transferência: uma viagem rumo ao continente negro.** Psicanálise – Coleção Passo a Passo. Jorge Zahar Editora. 2006

POLI, M, C. SCHNEIDER, V, S. Sobre a supervisão em psicanálise: relendo Freud a partir de Lacan. **Psicol. clin.** Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 151-164. 2014

ROUDINESCO, E. PLON, M. **Dicionário de Psicanálise.** Tradução de Vera Ribeiro, Lucy Magalhães) Rio de Janeiro. Zahar. 1998 (Obra original publicada em 1944).

SILVA, Laís, Santin; SOUZA, Laura, Vilela; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Questões contemporâneas (e não contemporâneas) sobre a prática clínica. **Vínculo** [online]. vol.9, n.1, p. 34-46. 2012

VIVES, T, L., ROCABERT, J, V. Reações contratransferenciais e gênero do analista e analisando/a¹. **Revista Brasileira de Psicanálise.** 2008, Vol.42, nº 4, p. 145-152

ZIMERMAN, D. Manual de técnica psicanalítica. Porto Alegre: Artmed, 2007.

Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica. Porto Alegre: Artmed, 1999

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÃO

Ao fim do presente trabalho viu-se que a transferência é algo que perpassa por todo o processo terapêutico psicanalítico. Sabe-se que a primeira interação entre paciente e analista já se inicia um processo de transferência, o qual paciente coloca alguma expectativa a respeito de todo processo analítico sobre o analista; e já desenvolve, de certa forma, um gostar ou não gostar deste (por meio de suas vivências inconscientes anteriores). Viu-se que esse afeto pelo analista interfere em todo processo analítico, pois pode facilitá-lo ao haver uma transferência positiva, onde o paciente confia no analista e trabalha em prol das resoluções de suas neuroses. Percebeu-se que Freud identificou e compreendeu logo no início de seu trabalho ainda com Breuer, e desde então, o mesmo escreveu a aqueles que almejavam se tornar psicanalíticas, que compreender e lidar com a transferência era algo essencial para que o processo analítico e também a cura ocorressem. Este estudo apresentou que o conceito de transferência evoluiu durante o pensamento freudiano, passando de um conceito chamado “transferências” que designava um processo de “reedição” dos afetos e fantasias, para um conceito no dito no singular “transferência”, mas que se desdobrava para apreender e englobar as formas de relação do paciente para com o analista.

Compreendeu-se que existem diferentes tipos de transferência, dentre elas a transferência negativa gerou maior discussão, pois percebeu-se que a mesma pode atrapalhar o

trabalho do analista, pois esta coloca o paciente como um antagonista ao próprio processo terapêutico, onde esta transferência impede que o paciente confie e trabalhe em prol das resoluções de seus conflitos internos. Apesar da transferência negativa ocorrer no paciente, tornou-se claro que a mesma se torna negativa quando o analista não consegue lidar com a transferência do paciente, e então repele as necessidades do paciente para com aquele processo. Assim sendo, obteve-se a compreensão de que o analista também tem seu papel na análise, sendo um meio termo, entre o espelho que reflete, e a folha em branco na qual o paciente possa desenvolver suas elaborações sobre seus afetos; dessa forma, o analista deve compreender o seu lugar ao não deixar que contratransferências venham a atrapalhar o desenvolvimento do paciente.

Descreveu-se neste estudo algumas das diferentes formas transferências possíveis por parte do analisando; tais como a transferência positiva, negativa e erótica; nas quais cada uma tem sua singularidade, vindo de formas diferentes em momentos diferentes durante a análise. Porém, deixou-se palpável que cada paciente é dono de uma subjetividade, e que sendo assim, mesmo que as transferências tenham características em comum, não existiram duas transferências iguais, e cada uma terá uma forma única e particular de se lidar. Cabe ao analista, ter sensibilidade para identificar e compreender cada transferência em sua essência, para que assim, o processo analítico se dê de forma benéfica para o paciente, e este possa fazer elaborações.

5 REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, E, S. O desvelar da velhice: as contribuições da psicanálise na busca de sentidos para a experiência do envelhecer. **Revista da SPAGESP**, São Paulo Jan.-Jun. 2008, Vol. 9, nº. 1, p. 57-65

BARATTO, G. Genealogia do conceito de transferência na obra de Freud. **Estilos da Clínica**, 2010, Vol. 15, nº 1, p. 228-247

COSTA, C, G., RIBEIRO, D, P, S, A., VOLPATO, A, L., ABRÃO, J, L, F. Reflexões psicanalíticas winnicottianas sobre o sentido do silêncio no setting. **Boletim de Psicologia**, 2013, Vol. LXIII, nº 138, p. 49-63

FERRAZ, F, C. Transmissão e formação: apontamentos sobre o tripé analítico¹. **Jornal De Psicanálise**. Ed. 47, p. 87-102. 2014

FILHO, P, D, G. Babel ou semiosfera psicanalítica: quais as vias de desenvolvimento do conhecimento na psicanálise? **Revista Brasileira de Psicanálise**. 2008, Vol.42, nº 2, p.118-127

FONTANELLA, B, J, B., JÚNIOR, R, M. Saturação teórica em pesquisas qualitativas: contribuições psicanalíticas. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 17, n. 1, p. 63-71, jan./mar. 2012

FRANÇA, J, B, N, F. Encontro analítico: a ênfase no mundo interno. **Jornal De Psicanálise**, 2015, Vol. 48, nº 88, p. 219-235

FREUD, S. A dinâmica da Transferência. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XII.**: Edição Standart brasileira/Sigmund Freud; com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alex Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e inglês sob direção geral de Jayme Salomão. 1996. Imago. Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1911/1913)

_____. A Psicoterapia da Histeria. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. II.**: Edição Standart brasileira/Sigmund Freud; com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alex Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e inglês sob direção geral de Jayme Salomão. 1996. Imago. Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1893/1895)

_____. Além do Princípio do Prazer, Psicologia de Grupo e Outros Trabalhos. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII.**: Edição Standart brasileira/Sigmund Freud; com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alex Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e inglês sob direção geral de Jayme Salomão. 1996. Imago. Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1920/1922)

_____. Observações sobre o amor transferencial. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XII.**: Edição Standart brasileira/Sigmund Freud; com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alex Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e inglês sob direção geral de Jayme Salomão. 1996. Imago. Rio de Janeiro. (Trabalho original publicado em 1901)

FUCHS, S, S., ZORNIG, S. A escuta analítica: corpo, afeto e palavra. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, 2013, Vol. 19, nº 3, p. 340-352

GAVIÃO, A, C, D., CAMARGO, A, M, A., PALIS, F., RICCI, F, M., FREITAS, L, M, C., DEGANI, M, G, P, L., SAMMARCO, M, C, A., CASSORLA, R, M, S. A delicadeza no campo analítico: estudando contratransferência e *enactment* pela internet. **JORNAL de PSICANÁLISE**, São Paulo, 2011, Vol.44, nº 81, p. 203-222

GUANILO, M. C, D, T. U.; TAKAHASHI, R. F.; BERTOLOZZI, M, R. Revisão sistemática: noções gerais. **Revista Escola de Enfermagem USP**, São Paulo, v. 45, n. 5, p. 1260-1266, 2010

HORN, A. Construções em psicossomática psicanalítica. **Revista Brasileira de Psicanálise**. 2008, Vol.42, nº 3, p. 55-58

KLEIN, R, T. Perversão de transferência e *enactment*: Um caso clínico. **Jornal De Psicanálise**, São Paulo, 2011, Vol. 44, nº 81, p. 163-174

LABAKI, M, E, P. Hipocrisia e trauma: elaborações para uma metapsicologia da técnica em Ferenczi. **Jornal De Psicanálise**, 2014, Vol. 47, nº (87), p. 179-194

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. Vocabulário da psicanálise. Tradução de Pedro Tamem. São Paulo: Martins Fontes, 2001

MARCHINI, S, M, C. Travessia: A clínica de um término anunciado. **JORNAL de PSICANÁLISE**, 2017, Vol. 50, nº 93, p. 257-269

MAURANO, D. **A transferência**: uma viagem rumo ao continente negro. Psicanálise – Coleção Passo a Passo. Jorge Zahar Editora. 2006

POLI, M, C. SCHNEIDER, V, S. Sobre a supervisão em psicanálise: relendo Freud a partir de Lacan. **Psicol. clin.** Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 151-164. 2014

ROUDINESCO, E. PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Tradução de Vera Ribeiro, Lucy Magalhães) Rio de Janeiro. Zahar. 1998 (Obra original publicada em 1944).

SILVA, Laís, Santin; SOUZA, Laura, Vilela; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Questões contemporâneas (e não contemporâneas) sobre a prática clínica. **Vínculo** [online]. vol.9, n.1, p. 34-46. 2012

VIVES, T, L., ROCABERT, J, V. Reações contratransferenciais e gênero do analista e analisando/a¹. **Revista Brasileira de Psicanálise**. 2008, Vol.42, nº 4, p. 145-152

ZIMERMAN, D. Manual de técnica psicanalítica. Porto Alegre: Artmed, 2007.
Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica. Porto Alegre: Artmed, 1999
ANEXOS